



# PRESENÇA

Realidade magnífica é a vitalidade da Igreja em Angola. Sabfamo-lo. Agora experimentamos.

Das doze dioceses criadas, só a de N'Giva é ainda administrada pelo Arcebispo do Lubango. Oito Bispos, pois, e três Arcbispos constituem o Episcopado de Angola, maravilhosamente unidos na Caridade. D'Elá é sinal «a autêntica peregrinação de Fé e Presença» na ocorrência da sagração de três novos Bispos e da investidura de quatro nas suas novas dioceses. De 6 de Março a 17 de Abril, os Bispos de Angola, com representações de clero e laicado, deslocaram-se às dioceses para onde um novo Prelado era transferido ou onde um novo era ordenado, como testemunho do compromisso de todos com todo o Povo de Deus

que peregrina nesta Pátria terrena. A dar sabor maior de universalidade a estes encontros, a presença do Delegado Apostólico do Papa.

No Huambo começou este peregrinar, com a ordenação do P.e Eugénio Salessu, dali natural, para Bispo de Malanje e a posse de D. Manuel Franklim da Costa como primeiro Arcebispo.

Depois foi Malanje: de que D. Eugénio tomou posse; de que D. Alexandre do Nascimento se despediu; onde o P.e Marcos Ribeiro da Costa foi sagrado Bispo para Saurimo. De uma assentada, Malanje ofereceu dois dos seus filhos, D. Alexandre e D. Marcos, a outros povos do País. Já tinha dado D. Óscar a Benguela.

No Lubango, D. Eurico Nogueira entregou o báculo —

«símbolo das funções inerentes ao múnus pastoral que há cinco anos recebi do primeiro Bispo de Sá da Bandeira» — a D. Alexandre.

A seguir foi Saurimo que viu semelhante gesto, transmitido por D. Manuel Franklim a D. Marcos.

O termo deste jornada em Luena (Luso), de que D. José Puaty foi sagrado e empossado Bispo e onde teve início a reunião da Conferência Episcopal.

Ao longo da caminhada — a tornar mais evidente o sal da Caridade fraterna que tempera e preserva a Igreja em Angola — quase todos estes qualificados peregrinos se juntaram no Uíge a celebrar as bodas de prata sacerdotais e os dez anos de episcopado de D. Francisco que, sem ter atingido ainda os 50 anos, ostenta as marcas de quão dura lhe tem sido a vida.

A breve descrição deste acontecimento tão belo — só por si eloquente da unidade que reina na Igreja em Angola! — eu queria juntar eco das mensagens que tais celebrações proporcionaram aos Pastores que nelas intervieram. Não é tarefa fácil, porquanto o que valia a pena era dá-las por inteiro — e o nosso jornal não comporta! Por isso se me perdoe que, sendo Malanje, das dioceses em festa, aquela a que pertencemos, busque esse eco na palavra do seu novo Bispo e na do cessante, seu filho D. Alexandre.

«... Quanto à minha ordenação episcopal — disse D. Eugénio no acto dela — se não fossem as palavras impregnadas de humildade evangélica do Apóstolo das gentes que, não obstante confessar-se abortivo no Colégio Apostólico, garantiu que Deus escolhe o que não presta para que ninguém atribua a si as maravilhas que Ele opera mediante os instrumentos humanos, seria tentado a dizer que desta vez é que o Espírito Santo se enganou em escolher-me para Bispo. Em todo o caso é um acontecimento importante na História da Igreja do Huambo e em toda

a Angola. Com efeito, os filhos de Angola, com a graça de Deus, mostraram maturidade e dedicação suficientes para a Santa Sé lhes confiar a orientação da Igreja no seu jovem País. Talvez seja oportuno esclarecer que dos onze Bispos residenciais de Angola, nove são angolanos, entre os quais três Arcebispos.»

«... A nossa profunda gratidão, primeiro a Deus, de quem procede todo o dom perfeito e, portanto, a nossa abertura e disponibilidade à Sua Palavra trazida pelos missionários.

A seguir, ao Santo Padre na pessoa do seu representante(...).

(...) Em terceiro lugar, aos infatigáveis missionários, vivos e defuntos, que, dentro das li-

Cont. na 4.ª pág.

## Calvário

Há dias fui buscar uma criança de dois anos. É anormal. Não fala, não anda, não conhece ninguém. Sofreu traumatismos de vária ordem que lhe não permitem ser como as outras crianças da sua idade. E vai certamente ficar por aqui ou pouco mais. É que na origem pesa forte senão totalmente a condição do seu nascer.

Os pais, ambos jovens de dezassete anos, resolveram levianamente constituir um lar. Foi um lar de poucos anos. A separação deu-se cedo. Hoje passados quatro anos, cada qual possui nova casa, novos companheiros e novos filhos também. A criança nunca foi desejada nem tomada nos braços da mãe. Pessoa de família aguentou-a ao lado dos sete filhos que já tinha. Os cuidados, porém, foram poucos, que o saber dá-los não era o seu forte.

Mas o pobre bebé começa já a sorrir no Calvário. Temos visto tantas ressurreições, que não fazemos prognósticos. Vamos dar-lhe apenas aquilo que temos. E temos tanto para dar dentro de nossas portas! Outros, como ela, sem lar, sem saúde, famintos de pão e de irmãos vão comê-la de beijos. Disputa-se já quem vai lavá-la, quem vai dar-lhe a papa, quem vai adormecê-la. A todo o instante há espreitadelas no seu quarto.

— Olhe que ela já sorri.

— Olhe que ela já olha p'rá gente.

— Olhe que ela começa a dar a mão.

Começa enfim a ser normal, apesar de estar praticamente na mesma.

Há aqui forças que forcem o impossível, e por isso não me admiro se as leis físicas quedaram e for contrariada uma certa ciência, que raramente revela interesse, utiliza paciência, conta com o tempo e se abre ao amor de situações como esta, mas apenas se limita a alguns cuidados técnicos.

É uma aposta esta criança. Mas nós já andamos afeitos a apostar.

Na semana passada tive que me deslocar à capital. Meti-me pela terra dentro e tomei o Metro. Em cada estação um caudal

Continua na SEGUNDA página

## TRABALHO

A máquina de impressão offset, para a formação profissional dos nossos Rapazes, talvez seja instalada nas oficinas gráficas de Paço de Sousa ainda no mês corrente.

O facto desperta o interesse dos nossos leitores.

Um livreiro de Coimbra oferece espontaneamente material didáctico actualizado:

«Pel'O GAIATO tomei conhecimento da compra de uma offset para as vossas oficinas gráficas.

Considerando de grande utilidade para a formação prática dos jovens gráficos um «Manual de impressão offset», com muito prazer que ofereço a presente obra técnica.

Um abraço de fraterna amizade.

Outros, sem termos expressamente formado procissão ou solicitado ajuda material, acorrem, também, pressurosos:

«Um grande abraço.

Mando um pequeno óbulo para a offset conforme artigo em O GAIATO. Entusiasmado

Vamos a isso! Quem me der o jornal impresso na nova máquina.

Peço orações pelo meu rapaz que está no Governo Aquilo é difícil!!

Agradeço-lhe do coração...»

Outros ainda, em menor número, prometem serviço para ocupação da offset e fotolito. Precisamos de trabalho! «Em nossa Obra — afirma Pai Américo — o trabalho é rei.» Por isso, quando houver necessidade de serviços do ramo offset nas vossas empresas, tenham a bondade de o partilhar conosco. Só desejamos um pouco do muito que mandais executar: estampas, cartazes, etiquetas, catálogos, embalagens, etc. trabalho que possamos executar em nossa máquina com formato máximo de 51x72.

Cont. na 4.ª pág.



Dois «Batatas» jogam badminton em Azurara, no parque vizinho da nossa Colónia de férias.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Benguela

**SIM OU NÃO...** — A cada momento que passa enchem e esvaziam-se os corações de Fé por ouvirem crepitar o fogo ardente e sangrento de muralhas vermelhas que a cada hora vão marcando e traçando a sua consumação. Já o sol parece nascer do poente e os rios virarem para a nascente; já o próprio mundo tenta exonerar-se das cristalinas águas da Fonte Santa e tenta chafurdar cada vez mais, no seu caído esquecimento.

Mas, apesar de tudo, desenrolam-se através dos cálidos dias as finas linhas de prata do grande e bondoso Criador Supremo. Está o azeite por cima da água e, santa verdade, por cima do homem. E daqui — seguir esta verdade ou a dita liberdade? Crer em Deus ou nos homens e no mundo?!

O homem verdadeiramente Homem crê nos outros homens e no mundo que os tem. O fermento do cristão deverá partir daquele que dia a dia vive bem de perto os santos Mandamentos. Deverá sair daquele que tem um mensageiro ao seu lado e ouve praticando os preceitos do Pai Celestial.

**FUTEBOL** — Está a realizar-se no distrito de Benguela o torneio experimental de futebol a que é presente a equipa dos Gaiatos formada por Gaiatos que já se encontram casados.

A nossa equipa está a ter muito bom aproveitamento: encontra-se em segundo lugar neste campeonato em que participam várias equipas.

Depois de mais algum esforço pode ser que venha a ter a vitória final, para poder participar depois no Campeonato Nacional.

Temos a salientar na nossa equipa o valoroso esforço de alguns jogadores tais como: Victor, Aleixo, Gabriel, Cotel Vieira, C. Alexandre jogadores que têm posto muitas dificuldades a equipas com muito mais experiência, como por exemplo a do Nacional.

Mas, como sempre, os mais novos também não se deixam ficar atrás, e formaram uma equipa de juniores que também tem dado que falar.



Vieira e Rosa. Ele foi maioral da Casa do Gaiato de Benguela. Hoje, são os dois professores das suas Escolas.

Realizaram um jogo no domingo passado contra os seminaristas de Benguela. Estiveram presentes nessa tarde o Padre Carlos, os nossos «Batatas» e algumas raparigas do Colégio das mães.

Foi uma tarde boa: a nossa equipa derrotou o Seminário por três bolas a uma.

Nesse domingo em que o Seminário sofreu a derrota, estiveram presentes os seguintes jogadores: Albino, Cangana, Moxoco, Gamboa, João Rocha, etc.

Já me esquecia do Carlos Alberto, que é o nosso chefe-maioral e que nesse dia foi o guardião da nossa equipa. Defendendo maravilhosamente as suas redes, fez uma boa exibição perante a equipa do Seminário, tentando defender todas as bolas que visavam a sua baliza como um gigante.

Armindo

## Paço de Sousa

**BANHOS** — Os banhos na nossa piscina, agora mais do que nunca, são constantes.

Todas as tardes, no fim do trabalho, o banho é uma coisa que já começa a fazer parte da nossa vida quotidiana.

Por lá andam até os «Batatinhas» que não se amedrontam de tomar banho!

No Domingo (11 de Setembro) o amigo «Papa-Figos» treinava os nossos «Batatinhas» e animava-os para não terem medo de irem para a parte mais funda da piscina. Agostinho foi o primeiro! O Tó desenrascou-se, logo de seguida. Depois, Manuel, etc. Atiraram-se todos e lá se conseguiram despachar.

Agora só o aviso para que não confiem muito, neles próprios; senão, um pé em falso e lá vão...

**FRUTA** — Estamos a comer já as maçãs dos nossos pomares.

É claro que nem todas estão em condições mas as que se podem comer, vão indo!

«Marcelino»

## Azurara

Tenho imenso gosto de falar a respeito do terceiro turno de férias em nossa casa na praia de Azurara (Vila do Conde), de 11 a 29 de Agosto, comandado por Quim e Meno, nossos chefes.

Tivemos a companhia do sr. Harry, da Holanda, que veio visitar-nos. A sua presença foi útil para os miúdos e para os adultos. Esperamos, para o ano, a sua comparência como prova de amizade para conosco.

Quanto à venda do jornal, não há dúvida que corre lindamente pela zona de Azurara e Vila do Conde. Exemplo concreto: o nosso Rafael — vendedor-mor — quantos jornais levase quantos vendia! O seu colega muito íntimo — o nosso «Capitão» — não ligava nada. Andava entusiasmado a admirar montras, em especial os manequins!

Vamos falar mais um pouco do «Capitão»: Era tanto o cansaço da venda do jornal que nem conseguia dormir. Enquanto os companheiros dormiam só falava na camarata! Demos-lhe um castigozinho... A partir daí deixou, então, de ver montras.

Não posso esquecer, de maneira nenhuma, a contribuição das fábricas de queijo, conservas e chocolates. Muito obrigado.

Agora, está em Azurara o quarto turno, comandado por «Eusébio» e Zé Manuel, dois africanos. Que tenham boas condições para gozarem umas férias agradáveis e muito sol, que talvez deixaram fechado no consultório!

Carlos Manuel de Matos  
(«Salsichas»)



Terminou o quarto turno de praia. Agora encontram-se só os vendedores para gozarem os dias perdidos com a venda do «Famoso».

O nosso turno correu bastante bem, tanto no que se refere às condições meteorológicas como à boa disposição, convívio, etc. Foi mesmo um bom turno.

Nem sempre poderíamos ir para a praia pois convinha mudar de ambiente. De vez em quando resolvíamos visitar uma fábrica. A primeira a ser escolhida foi a das conservas de peixe.

Seguiu quem quis, pois se estávamos em férias não se ia prender ninguém.

Quando chegámos à fábrica fomos muito bem recebidos. Aliás, somos sempre, pois a gerência não se cansa de dar vinte e cinco latas de sardinha a cada turno que por lá aparece.

Começámos por apreciar as operárias na limpeza da sardinha, tirar as escamas, a cabeça, etc. Logo de seguida eram postas nas latas que nós vemos no mercado. Daí seguimos para umas máquinas a fim de lhes colocarem as respectivas tampas e o óleo para conservarem o produto.

Depois, são enviadas para os armazéns onde colam rótulos nas latas e onde, também, são encaixotadas para o mercado português e estrangeiro.

Um obrigado à gerência e a todos os nossos amigos da fábrica que não nos deixam de mãos vazias sempre que lá vamos. Vinte e cinco latas para o turno, e mais duas a cada um dos visitantes.

Visitámos, ainda, a fábrica do queijo, que também nos dá um para cada turno. Aliás, foi nesta fábrica da União das Cooperativas de Entre Douro e Minho que viemos fazer uma festa natalícia com os nossos mais pequenos.

Aqui já não foram todos mas só eu, o Manuel Pinto e a esposa, Zé Manel, «Faniqueira» e Barros. Só fomos nós porque o carro do Manuel Pinto não podia levar mais ninguém.

Quase metade da fábrica estava parada por falta de matéria-prima. Mesmo assim não nos negaram a visita!

Aí pudemos ver todo o processo de fabrico, o que nos deixou longe das nossas previsões, pois pensávamos uma coisa e, afinal, é outra.

O que mais nos chamou a atenção

foi o empacotamento de leite em sacas «AGROS». Era tudo feito com tal precisão que parecia impossível a qualquer um dos mais pequenitos, se fossem.

O «Faniqueira» perguntava-me a todo o momento quando é que víamos o sector dos «Yogourtes». Afinal não o chegámos a ver, paralisado devido ao facto que assinalámos.

Mas acima de tudo não podemos deixar de agradecer a boa vontade com que nos receberam.

Depois tencionávamos visitar a fábrica de chocolates, mas estava em obras.

Mesmo assim, os nossos agradecimentos pelos chocolates que ofereceram aos nossos turnos, sempre com boa vontade!

Foi um turno excelente e bem passado.

Como chefes tivemos o Zé Manel e o «Eusébio».

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**ENCONTRO DE JOVENS VICENTINOS** — Talvez recebamos notícia detalhada do Encontro de Jovens Vicentinos de Setúbal, Trafaria e Porto, realizado em 4 de Setembro na Casa do Gaiato de Setúbal.

Pelo sim pelo não, e correspondendo ao desejo expresso dos jovens recoveiros dos Pobres, aí vai já um sucinto relato dos responsáveis do convívio:

«Este Encontro Vicentino teve como principal objectivo os jovens vicentinos conviverem e ao mesmo tempo fazerem uma troca de experiências sobre a actividade vicentina de cada grupo.

Neste sentido, os jovens vicentinos do Porto têm já uma longa experiência que podem e devem pôr em comum com os outros grupos, pois em relação aos jovens vicentinos de Setúbal e Trafaria há relativamente pouco tempo que estão em actividade.

No entanto, e num futuro próximo, e a nível nacional pensa-se criar uma

Comissão de Jovens para coordenar toda a actividade Vicentina do País. Todos juntos, e em colaboração mútua, construiremos uma Sociedade de S. Vicente de Paulo mais adaptada e alicerçada para os dias de hoje.»  
Boas notícias!

**PENSÃO SOCIAL** — A gente já sabia que a remessa das pensões ia demorar. Por delicadeza, esclarecemos sempre os pretendentes logo de início.

No decorrer dos meses, porém, um ou outro mais impaciente tem-nos abordado. — Antão eles nunca mais se despacham?!

Em leitura rápida da Imprensa, além de toparmos, aqui e ali, discordâncias quanto ao valor da pensão a atribuir, — mais aos cidadãos menos aos rurais, o que gera flagrante injustiça, do género de portugueses de primeira e de segunda — topamos, ainda, em correspondência d'interessados referências a pensões já em distribuição!

Em conversa com os nossos botões perguntámos mais do que uma vez: — Como pode ser, se para estas bandas é tudo como dantes...?!

Aguardámos uma viagem ao Porto para nos esclarecermos oficialmente. Ontem assim aconteceu. Abordámos o sector de informações da Caixa e a solícita funcionária, em meia dúzia de palavras sem largar a papelada que tinha em mãos, disse: — Há pensões já, de facto, em distribuição, mas para os mais idosos.

Ainda que discutível, o critério não deixa de ser justo.

**PARTILHA** — As presenças são mui poucas, mas ricas de significado. Não cremos que os Amigos dos nossos Pobres estejam em férias!

Assinante 1174 com 250\$00 pedindo «uma breve oração». Estas legendas mergulham fundo e testemunham a fé de cada um.

Por vale postal «mais 500\$00 para os nossos queridos Pobres e que Deus nos ajude a poder mandar mais». É outra oração!

Temos, por fim, a presença habitual dos amigos de D. António Barroso; e 1200\$00 partilha do salário da Assinante do Seixal.

Júlio Mendes

## Calvário

Continuação da PRIMEIRA página

de gente que entra e outro apressado que sai. A dada altura um rosto conhecido surge pela porta dentro. Conheci-o aos dois anos, tal como a Bela.

Os pais solteiros não o quiseram. Ele sem mãos e sem pernas completas por ausência de pés, andava pelas feiras ao colo da avó, a servir de ganha-pão. Em nossa Casa cresceu, aprendeu a ler, a ser homem. E jovem feito, com prótese nas pernas e certa maturidade no espírito partiu à procura dos seus.

Ali a meu lado, o Zezito de outrora com os tocos dos braços tenta abraçar-me.

— Por aqui?

— E tu também?

— Sim. Olhe estou a trabalhar como telefonista numa empresa. E vou casar-me em breve. Tem que vir.

Há forças que forcem o impossível, desmentindo todas as leis. Fiquei contente e feliz. Um homem perdido, vendido em criança, hoje encontrou-se.

— Com certeza, Zé, irei ao teu casamento.

Padre Baptista



# O nosso jornal

## ● NOVOS ASSINANTES

Não vem dia ao mundo que não recebamos novos Assinantes! Algumas presenças são tão expressivas que, inclusivé, servem de incentivo. Daí a procição crescer cada vez mais.

Aquela revolucionária pacífica de Albufeira não descansa! É melhor ouvi-la:

«Deus é grande e querer é poder.

Consegui mais quatro assinantes e eles surgem como por milagre!

Não há melhor arauto do que O GAIATO.»

Muitas presenças de Lisboa e Porto.

«Eu era antiga assinante de O GAIATO — afirmam do Porto — e, de repente, deixaram de m'oi enviar. Desde então nunca mais me pus em contacto convosco.

Há bem poucos dias, porém, surge-me na frente um gaiato com alguns jornais perguntando-me se queria ficar com algum. De repente, acendeu-se-me no íntimo novamente o interesse pela vossa Obra. Comprei o jornal e, hoje, aqui me têm a pedir para me conside-

rarem de novo assinante.»

Se deixou de receber o jornal seria por mudança de residência, com certeza.

Nesse sentido, quando tiverem necessidade de mudar de poiso, comuniquem-nos sempre. Obrigado.

Em resumo: a procição estendeu-se a Caldas da Rainha, Vila Nova de Gaia, Curia, Caminha, Mira, Viana do Castelo, Mafra, Ermesinde, Santarém, Faro e Angola.

## ● ANUIDADES

Uma parte dos assinantes de O GAIATO esquece o compromisso da assinatura!

Que pena não termos, habitualmente, gente capaz de lembrar todos, via postal; atendendo ao elevado número de assinantes e à responsabilidade da acção que, além de onerosa, também não deixa de trazer incómodos, por lapsos fortuitos que surgem em nossos canais de recepção e consequente omissão de descarga no ficheiro. É o preço da natureza específica de O GAIATO e da complexidade da Obra da Rua.

As vezes, recebemos pedidos no sentido de procedermos à cobrança de anuidades por intermédio dos CTT. Não, prezados Amigos. Não queremos simonia! Seria tirar a O GAIATO aquilo que mais o caracteriza desde que nasceu.

A esmagadora maioria dos nossos leitores entende e compreende perfeitamente esta linha de rumo. E, assim, não quebra o riquíssimo elo — pessoal e epistolar — que nos liga espiritualmente.

— ... E se a gente esquece d'enviar a anuidade?!

— Será o próprio jornal a badalar as consciências.

— Sim, é mais fácil mandar um cheque ou vale do correio.

— O cheque só obriga escrever uma carta ou postal esclarecendo o destino ou destinos da importância — o que é imprescindível!

— ...

— O vale do correio, mais caro, também é vantajoso: tem uma linha no verso, onde o remetente poderá registar o destino ou destinos da remessa.

Em nossa banca de trabalho há um ror de correspondência de atrasados que, livremente, marcaram presença. Não resistimos a transcrever alguma. São legendas com muita substância, de quem se vincula a O GAIATO com os olhos da alma.

Ouçam Lisboa:

«Acabo de receber o vosso postal que diz: «Acusamos recepção da importância que fez o favor de nos enviar...»

Ora eu não fiz favor algum, apenas paguei o que devia; logo não há que agradecer, apenas acusar recepção...»

Paço de Arcos:

«Graças a Deus já estamos a viver numa casa, depois de ano e meio na situação de desalojados.

Perdoai só vos escrever a enviar a importância relativa à minha assinatura — já tão velhinha! A vida de retornado nem sempre é fácil e as preocupações fazem-nos esquecer os nossos deveres.

Espero, confiada, que de futuro tudo será mais normal e não voltarei a estar em falta. O GAIATO faz parte da minha vida e só com dor o perderia.»

Riachos:

«Envio um vale do correio para liquidar o meu débito.

Peço desculpa do atraso, mas a vida ocupada dos dias de hoje faz-nos, por vezes, faltar aos nossos deveres. Desculpem, sim?

O dinheiro que envio, comparado com a riqueza de O GAIATO, é uma pequena gota. Contudo, neste momento, é o que pode ser.»

Aveiro:

«Há tempos pedi a um pequeno gaiato para ser assinante do maravilhoso jornal O GAIATO.

O petiz escreveu prontamente a minha direcção e tenho, até hoje, recebido o vosso jornal.

Peço imensa desculpa de ainda não ter dado nenhuma ofer-

ta para a vossa Obra. Mais vale tarde que nunca!

Envio um vale de 300\$00. E prometo, daqui a algum tempo, mandar outra pequena oferta, assim como o pagamento da minha assinatura do jornal.

Obrigada pela mensagem de O GAIATO, tão bela, tão real, tão necessária neste mundo materialista e egoísta que atravessamos. Obrigada, do coração!

Pois quantas vezes me sinto triste, desiludida, descrente e o jornal vem-me ressuscitar!»

Estas cartas são autênticas badaladas!

Júlio Mendes

# SETÚBAL

## Terceira Idade

«Li, há tempo, com o costumado interesse e apreço, um artigo do Padre Carlos sobre a Terceira Idade.

O senhor a quem me refiro nesta carta trabalhou trinta e sete anos em Moçambique (já trabalhava anteriormente em Portugal) e, tendo-se aposentado em 1970, recebe uma modesta pensão de reforma.

Pouco depois de obter a aposentação, sofreu um grave desastre em Lisboa, que roubou o uso da perna direita, sofrendo bastante actualmente.

Como não podia estar só, devido à falta de saúde, foi para um Lar onde paga 5.500\$00 mensais(!...), tendo quarto em comum com três ou quatro doentes (não sei ao certo), uns sofrendo de trombose e outros de perturbações mentais.

Não será isto um escândalo?... Primeiro, o Estado devia ter casas para receber pessoas incapacitadas, ou de graça ou pagando pouco; mas, não sendo possível, não haveria outras soluções sem esta exploração desenfreada?...

Assim se recompensa uma vida inteira de trabalho!...

Perdoem este desabafo, mas estou indignada e não pude calar-me!»

É duma Assinante de Cernache — Coimbra.

De entre as muitas feridas que se abriram nesta Casa do Gaiato e me têm feito sangrar, a Escola Primária ou Ensino Básico é das mais profundas.

Não só desde que se pretendeu impôr uma pseudo-revolução cultural, mas muito antes, desde que a dedicação e o amor se afastaram das nossas salas de aula.

A Escola entre nós tem de ser um novo seio materno, inesgotável de doçura e fortaleza, onde os corações enfraquecidos pela miséria da rua encontrem um vigor novo de equilíbrio e esperança. Precisamos dela como de um apoio indispensável não só à promoção do homem no seu desenvolvimento cultural mas sobretudo como base de formação humana.

Felizmente tive durante largos anos a possibilidade de observar a educação e instrução dadas aos meus rapazes por professoras competentes e dedicadas e comparar com as que, há anos, as minhas crianças recebem de gente adolescente, irresponsável e fria.

Sendo os nossos os mais pobres da sociedade portuguesa deveriam merecer escrupuloso cuidado daqueles a quem o Estado paga, o que não tem acontecido, com grande dor nossa e grave prejuízo para as crianças. Elas são a mercadoria, o objecto de negócio e quanto mais pobres, mais exploradas.

Antigamente, chamava-se ao organismo encarregado deste sector do Governo Ministério da Educação. Depois o nome mudou para Ministério da Educação e Cultura. Agora é Ministério da Educação e Investigação Científica.

Mostra-se assim, pelos nomes, que o Governo não pôs ainda de parte a Educação. Mas os seus agentes, no nosso caso, têm sido fracos instrutores e nada educadores.

As salas de aula, limpas pelos próprios alunos, costumavam

apresentar-se razoavelmente decentes e decoradas, com flores, plantas, desenhos ou trabalhos manuais. Não se via um papel no chão!...

Por sabermos que o bom ambiente ajuda a promover, envernizámos o soalho das escolas. Construímos em cada uma, a sua lareira. Tornámos-las apetecidas! O balneário foi renovado.

— E agora?

Por vezes, a sala de aulas é uma estrumeira. Os rapazes perderam o hábito de limpar os pés ao tapete que está à entrada.

Papéis, restos de trabalhos manuais e material escolar, lenha, folhas de árvore, cinza, cascas de fruta são pisados pelos alunos, perante a insensibilidade da professora, como se isso pudesse ser também exigência de liberdade.

Pai Américo escrevia há muitos anos: «As famílias de onde procedem os pequenos habitantes da Casa do Gaiato não sabem nem podem educar. A miséria é má companhia, incapaz de orientar. É triste, desanimada, aconselha mal. Enfraquece as qualidades da alma, quebra as forças da vontade, abre as portas da prisão».

Se as Escolas da Casa do Gaiato, onde as crianças passam a maior parte das horas do seu dia, não querem ser través desta desgraça como poderemos nós sê-lo eficazmente no pouco tempo e disponibilidade que desfrutamos?

E se nas aulas se ensina e pratica o contrário do que em família pretendemos construir?

Lamentamos não só a ausência de um trabalho educativo mas também a falta de escrupulo em cumprir horários, em faltar às aulas sem conhecimento dos superiores hierárquicos, em sair mais cedo, etc., etc.

Períodos houve em que o fim de semana escolar começou à quinta-feira!...

E se a gente se queixa à autoridade competente, na defesa dos Direitos da Criança? Cai o Carmo e a Trindade!

E quem é prejudicado? E quem sofre as represálias? Eles — os nossos.

Em Paço de Sousa, um casal de professores cristãos dirige as escolas.

Em Coimbra, o Carlos Manuel mais a Maria Helena, que beberam do leite de Pai Américo através do P.e Horácio, são colaboradores hábeis e dedicados.

A Casa de Lisboa tem um professor celibatário para quem a escola é sacerdotício e do qual as crianças se abeiram atraídas pelo seu carinho. Há dias, eu estava na Casa do Tojal, no refeitório e, de repente, armou-se uma grande algazarra com gritos e pulos de alegria: «Foi o senhor Professor que chegou!» Um bando deles puxava por mim: — Venha ver o senhor Professor, venha ver o senhor Professor!

Em Setúbal estamos à mercê dos concursos!

Os professores cristãos têm medo: — Os rapazes são difíceis, o padre (eu) é exigente (e não sei que mais), os transportes são a deshoras, etc!...

Levados pelo materialismo que hoje é rei, só se interessam pelos lugares de melhores proventos e menos sacrifícios...

E o nosso compromisso cristão de sermos dos últimos, escolhermos os piores lugares e elegermos para nós os mais precisados? Isso de que fala Jesus Cristo em toda a pregação do Reino?!... Onde está!?

Eu busco um casal de professores que tenha um único Senhor! Dos das Bem-aventuranças! Dos que querem servir à mesa dos seus bens, os mais Pobres que não sabem retribuir e esperam a recompensa do Pai Celeste!

Padre Acllio



Cont. da 1.ª pág.

mitações e fraquezas humanas, dentro das estruturas da Igreja inserida no contexto sócio-político dos condicionalismos históricos do homem, num espaço de tempo relativamente curto (refiro-me à arrancada missionária da segunda metade do século XIX), em todos os sectores da promoção sócio-religiosa do angolano, sobretudo o mais necessário, conseguiram realizar uma obra tão grandiosa que não se pode negar honestamente, e que lhes grangeou o direito de afirmar afoitamente com S. Paulo: «a nossa carta de recomendação sois vós.»

Até aqui o seu retrato de homem de fé, humilde e prestante de justiça. Depois, na primeira alocução ao seu Povo de Malanje, continua na mesma atitude de alma:

«... O nosso programa não será começar nem recomeçar, mas sim continuar a grandiosa obra dos infatigáveis arautos do Evangelho (...).

...Continuaremos a esclarecer e solidificar a crença na quele ZAMBI em que os antepassados malanjos, como aliás todos os nossos antepassados angolanos, acreditaram muitíssimo tempo antes da era colonial: o Deus único e verdadeiro, Criador e Senhor absoluto do homem e de tudo quanto o cerca; a esclarecer e solidificar a crença na sobrevivência da alma e na terra feliz por que todos suspiram ansiosamente.

Continuar esta obra iniciada em Malanje, vai para 100 anos, se exclui o progressismo demolidor que sonha com cons-

## TRABALHO

Cont. da 1.ª pág.

Atendendo aos condicionalismos da nossa oficina — somos fundamentalmente Escola — desejaríamos que as encomendas nos fossem requisitadas sem urgência, particularmente nesta fase de arranque; e, tanto quanto possível, com uma programação de interesse mútuo.

Ainda não há muitos anos um conceituado técnico espanhol de Artes Gráficas sublinhou os resultados de um inquérito dos industriais gráficos junto dos empresários do seu País, sobre gestão de stocks e prazos de entrega. Ficámos admirados com a receptividade e compreensão de «nuestros hermanos».

Nas mãos dos nossos leitores — e tantos são! — reside agora uma boa parte da viabilidade desta acção em benefício do futuro profissional dos nossos Rapazes.

Júlio Mendes

truir uma Igreja nova sobre os escombros da que se julga erradamente velha e ultrapassada, o que mesmo no plano natural é condenado pela História, mestra da vida, muito menos significará defender o conservantismo anquilosante, contrastante com o dinamismo do Evangelho que se adapta e incarna em todos os homens no tempo e no espaço. A Igreja é Cristo, que é o Mesmo ontem, hoje e em todos os tempos. Ele é imutável e com Ele a Sua Mensagem de Verdade, de Justiça e de Amor.

...Baseados nesta pedra angular que é Cristo, continuaremos a nossa ingente tarefa, sem desfalecimentos, pois Ele está connosco até à consumação dos séculos.»

Depois, dirigindo-se aos vários grupos dos seus diocesanos, chama-lhes a atenção para as prioridades na acção a prosseguir, que «é de ordem sobrenatural e só será fecunda se projectar as suas raízes na oração». E com uma bellissima oração consecratória do seu episcopado e da sua diocese a Nossa Senhora, termina D. Eugénio Salessu.

Tal como D. Alexandre, a sua primeira saudação como Arcebispo do Lubango:

«Maria, Mãe de Jesus, Mãe da Igreja, nossa Mãe!

Santa Maria do Lubango: aqui nos tens confiantes no

Teu poder e descansados no Teu amor. Para louvor da Trindade Santa, queremos testemunhar-Te hoje a nossa gratidão. Ahamos propício o momento para consagrarmos a nossa Arquidiocese ao Teu Coração Imaculado. Entregamos, assim esta Igreja: o Arcebispo, o clero, os religiosos, as famílias, os velhos e as crianças, os que sofrem; tudo o que somos, tudo o que temos: os horizontes quase sem fim das nossas aspirações e as limitações angustiadas das nossas impotências.

Mãe, guarda e faz crescer em nós a vida que Jesus trouxe à Terra. Não se apague a chama da fé sobrenatural em nenhum dos que Te foram dados como filhos, pelo Baptismo.

Faz de cada um de nós uma irradiação eficaz do Evangelho por que esperam muitos sem o saber.

Coração de Maria, que tão maternal Te revelaste em Caná da Galileia, em ambiente festivo, e tão firme e corajosa na hora decisiva do Calvário: fica sempre ao nosso lado. E que os tesouros da Tua intercessão quotidiana, por nós experimentados ao longo da existência, nos confirmem no grande encontro, o encontro definitivo com Jesus, bendito fruto do Teu ventre. Assim seja.»

Não há que temer! Angola é Terra de Santa Maria.

Padre Carlos

## Retalhos

● Num domingo de manhã o Alvaro chegou. Mãe alcoólica absolutamente incapaz. Criado por uma senhora de idade a quem tinha perdido todo o respeito. Saía de casa, chegava fora de horas..., muitas vezes às quatro da manhã. Roubava. A sua idade ronda os dez anos...

Não queria ficar. Brindou-nos com meia dúzia de negros palavrões misturados com lágrimas de revolta...

No corpo a sarna, na cabeça habitantes que não deviam lá morar...

Problemas ao almoço...

A hora da oração da tarde não queria entrar na Capela... Tão pouco entrar no refeitório para jantar.

Pôs-se o sol, nasceu um novo dia e o drama continuava. A tarde, passeando pela quinta, viu outros da mesma idade trabalhando na nossa quinta. Espontaneamente quis ajudar. Ajudou.

A hora do jantar vem ter comigo.

— Trabalhei muito!

— Estás bem disposto?

— Estou!

Até hoje não levantou o mais pequeno problema.

Há dias fui à praia onde ele «goza» o seu turno. Feliz.

Sentiu-se útil. Recebeu o impacto de outros iguais a si, sujeitos a dores iguais à sua. Deixou de estar só. Comunga e vive!

Que mistério!... E tão simples!

● Alguns dos mais velhos não me largam.

— Gostávamos tanto de ter uma viola!!

Eu gostava que a tivessem. Temos duas. Têm acompanhado os nossos cânticos na Capela. Dão-nos alegria... Alegria saudável e construtiva.

As violas são tão caras! Haverá por aí alguma perdida... esquecida?... Temos aqui mãos à espera.

Padre Abel

RETALHOS DE VIDA



## O «Garrote»

Sou natural de Montijo, onde nasci a 28 de Outubro de 1957.

Estive a viver com a minha família — pai, mãe e irmãos — até aos doze anos. E fui obrigado a deixá-los por causa de uma doença que me paralizou um braço e uma perna.

Três anos depois fui novamente para junto dos meus. Entretanto, meu pai começou a tratar-nos mal. Tivemos que o deixar, porque embriagava-se e tratava toda a gente mal.

Mais tarde, minha mãe juntou-se a um homem que nós conhecíamos. Ao princípio era muito nosso amigo, mas começou também a tratar-nos mal. Os meus dois irmãos foram obrigados a irem-se embora e só fiquei eu mais a minha mãe e o padrasto.

Um ano depois fui embora porque não podia suportar mais o padrasto — tinha que andar a pedir para eles! Segui para o Albergue de Setúbal, onde estive seis meses, transitando para a Casa do Gaiato de Setúbal por intermédio do sr. Padre Acílio, onde me encontro há dois anos. Estudo à noite e trabalho de dia. Estou muito contente de estar na Casa do Gaiato.

Um grande abraço do

António José Gomes («Garrote»)

## Tribuna de Coimbra

Estive uns dias na Casa do Gaiato de Setúbal, a aliviar os nossos padres Acílio e José Maria. A carga é pesada. Esta família tão numerosa e dividida pelas oficinas e escolas na cidade e com a grande quinta, a superlotada vacaria, o rebanho a crescer, três escolas primárias, os dois anos de Telescola, bebés ainda de colo, as obras de restauração, tudo isto a oito quilómetros desgasta apressadamente a vida das pessoas.

Setúbal tornou-se desde há anos um vasadouro humano. De todo o Alentejo e das regiões do norte as pessoas acorrem à procura da vida. A proximidade da «grande» Lisboa, a certeza do porto, as promessas de unidades fabris, a planura dos campos e sua fertilidade são encontros para todos os que procuram viver.

Muitos que vêm perdem e perdem-se. Ainda que encontrem ambiente que não era o seu adaptam-se. Se tinham vida religiosa comunitária depressa a perdem. Se faziam boa vizinhança acabam por viver isolados. Se cultivavam a vida de família vão-se fechando aos outros. Se tinham preocupações pelo bem-comum com muita facilidade caem no egoísmo. A preocupação dominante passa a ser cada um viver o melhor que pode. Cada qual no seu mundo fechado.

Em contraste com este mun-

do fechado de muitos nós encontramos também abraços extraordinariamente abertos: o grupo grande de Senhoras que há tantos anos vêm cuidar da nossa roupa e perdem-nos de mimos. A fábrica de carnes que todas as semanas nos carrega a carrinha e muitas coisas são do melhor que fabricam. O armazém que, apesar da crise, nos entregou sacos de rações. A recauchutagem que logo nos atendeu e mandou o preço já facturado. As batarlas com grande desconto para todas as nossas Casas e a simpatia de todos os que se juntaram connosco ao balcão. Os empregados da C.P. por causa dos pintainhos. Os jovens vicentinos que escolheram nossa Casa para sua reunião e nos ajudaram a viver este domingo em mais festa. A nossa furgoneta que não pára de transportar os restos de comida da Cadeia, hospitais e Secil para alimento dos nossos animais. Todos — e são tantos! — que nos dão as mãos com carinho.

Mesmo com o mau cheiro do peixe das fábricas de farinha, com os cantos de certas ruas cheias de lixo, da falta de limpeza que se nota em muitos lados, vale a pena estarmos presentes e darmos as mãos para encontrarmos e promovermos o homem nosso irmão. E muitas, muitas crianças continuam ao abandono!

Padre Horácio

Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa